

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST: O OLHAR NORTE-AMERICANO SOBRE A AMÉRICA LATINA

*Mary Anne Junqueira**

Resumo

Através da revista *Seleções do Reader's Digest* é possível captar a visão que os Estados Unidos construíram da América Latina (1942-1970). Aqui, trato do enfoque que os Estados Unidos revelam sobre a natureza latino-americana, principalmente a floresta tropical, vista como débil e caótica. Ao inferiorizar o continente latino-americano, *Seleções* definiu a identidade norte-americana e legitimou sua ação e intervenção na América Latina.

Quem não se lembra de *Seleções*? Quem não se lembra das seções “Piadas de Caserna” e “O Meu Tipo Inesquecível”? *Seleções* era a revista bem-humorada e simpática que chegava em nossas casas – nas capitais ou em cidades do interior – e que fez muito sucesso no Brasil, principalmente nas décadas de 1940, 1950 e 1960.

Seleções do Reader's Digest, como o nome diz, era uma seleção do *Reader's Digest* norte-americano. Revista que era um conjunto de artigos já editados por outras revistas e condensados pelo *Digest*. Esta revista inicia a sua circulação em 1922, nos Estados Unidos, onde era dirigida basicamente ao homem comum, ao cidadão médio norte-americano.

No período da Segunda Guerra Mundial a revista transpõe fronteiras. É lançada em 1938 na Inglaterra. Em 1940, chega ao México com o nome de *Selecciones*. Em 1942, foi lançada no Brasil a *Seleções do Reader's Digest*. Em seguida, saíram as versões sueca, árabe, alemã,

* Pós-Graduada em História da América na USP – Universidade de São Paulo.

austriaca, japonesa e francesa, que cobria também Bélgica e Suíça. A maioria das edições internacionais foi um sucesso absoluto de vendas e público, o que transformou o *Digest* no maior negócio de mídia impressa deste século. Como conseqüência lançou o seu idealizador, De Witt Wallace, como o modelo do homem empreendedor norte-americano. Exatamente aquele que havia começado com poucos recursos e chegava ao apogeu criando um poderoso império em função da sua conduta moral e audácia empreendedora, segundo as perspectivas do próprio *Reader's Digest*.

A revista norte-americana divulgava como a sua maior virtude o fato de ser uma publicação 'neutra e apolítica', já que não expressava opinião editorial. No entanto, a revista exerceu considerável influência política e foi importante fator nas eleições de Eisenhower, Nixon e Reagan,¹ os três do Partido Republicano. O *Digest* procurava posicionar-se como publicação que tratava de temas de caráter universal e, por isso, de interesse permanente. Através do discurso de *Seleções* é possível perceber que o complexo editorial do *Reader's Digest* era porta-voz de um grupo dominante e conservador dos Estados Unidos.

É conhecido hoje o fato de o *Reader's Digest* norte-americano e suas versões internacionais possuírem um envolvimento direto com o Estado norte-americano e seus interesses no mundo. Para se ter uma idéia, algumas das edições estrangeiras foram iniciadas em cooperação com o Departamento de Estado, como parte do esforço de guerra. A revista chegou a ser transportada pela força aérea norte-americana. Os mesmos aviões que transportavam as tropas para a frente de batalha durante a Segunda Guerra, também levavam as versões do *Reader's Digest* já traduzidas, para serem distribuídas.²

Nesta época, os Estados Unidos procuravam implementar a Política da Boa Vizinhança na América Latina, esperavam distender o antiamericanismo da região, resultado da política de intervenção e pressões diplomáticas exercidas principalmente em países da América Central nos primeiros 30 anos do século XX.

Tal política baseava-se no respeito aos direitos de soberania nacional dos países latino-americanos, coisa que os Estados Unidos sempre advogaram em teoria, mas que, na prática, violaram constantemente, tornando claro que seus interesses estavam acima daqueles de qualquer outra nação do continente.³

Os Estados Unidos procuravam manter a América Latina na sua esfera de influência, por isso a Política da Boa Vizinhança propunha trocas técnico-científicas e mais intercâmbio cultural entre os países do continente. Visava combater a penetração cultural alemã e os simpatizantes do nazismo; muitos deles, imigrantes que haviam se estabelecido principalmente na Argentina e no Brasil no início do século. Os Estados Unidos preocupavam-se também com a posição dos exércitos dos países latino-americanos. Estes, na época, admiravam a máquina de guerra alemã, que parecia praticamente invencível no início da guerra.

O Brasil equipava o seu exército com armamento da Krupp, poderosa fabricante alemã. Essa importação de armamentos foi interceptada pela Inglaterra no início da guerra, e os Estados Unidos procuravam substituir a Alemanha no envio de material bélico – através de uma série de negociações políticas entre o governo Roosevelt e Getúlio Vargas – visando a união do continente na defesa do Atlântico.⁴

Nessa época, enquanto Carmem Miranda fazia sucesso nos Estados Unidos, Walt Disney fazia sucesso em alguns países da América Latina como o ‘Embaixador da Boa Vontade’ dos Estados Unidos. O cunhado de Disney que fazia parte da comitiva fez o seguinte comentário sobre a região:

O Rio foi a primeira escala importante e pernoitamos uma noite, antes de prosseguir para a Argentina. Paramos para reabastecer em um pequeno aeroporto sujo em algum lugar do Brasil, e havia centenas de pessoas por lá, na maioria crianças, esperando por nós. Não conseguimos imaginar como sabiam que estávamos para chegar, porque não havia imprensa ou rádio. Mas estavam todos ali, vestidos de Mickey Mouse aplaudindo Disney.⁵

Nota-se como a Política da Boa Vizinhança, que pretendia estabelecer a igualdade entre os países da América, não escondia a pretensa superioridade norte-americana e o sentimento de inferioridade que grupos conservadores norte-americanos nutriam pela América Latina.

O resultado da viagem de Walt Disney foi a criação dos personagens Zé Carioca, brasileiro, e Panchito, mexicano. A vinda de Walt Disney foi articulada por Nelson Rockefeller, o coordenador do *Office of Coordinator of Interamerican Affairs*, mais conhecido como ‘birô interamericano’, órgão criado por Roosevelt em 1940 para

aproximar os países latino-americanos dos Estados Unidos, temendo a influência alemã no continente.⁶ Não é preciso dizer que a viagem de Disney foi amplamente divulgada pelo biró, tanto pelo rádio quanto pelos jornais locais.

Foi também Nelson Rockefeller quem articulou para que o *Reader's Digest* entrasse no Brasil. Em fevereiro de 1942, a primeira edição de *Seleções* foi distribuída do Acre ao Rio Grande do Sul, mostrando o planejamento e a eficiência do biró quando o assunto era propaganda política norte-americana. *Seleções* teve importante papel na divulgação das idéias norte-americanas e na difusão do *american way of life* no Brasil.

É particularmente interessante a visão que *Seleções do Reader's Digest* apresenta do Brasil e dos outros países da América Latina. Inicialmente percebe-se que, ao voltar-se para a região, os Estados Unidos olham para baixo, para algo menor que eles. Olham para tudo aquilo que está abaixo do Rio Grande, a fronteira natural entre os Estados Unidos e México. Desde o primeiro exemplar, *Seleções* parte de uma separação básica entre Estados Unidos e América Latina. Os norte-americanos vêem a região como um todo, sem distinção das particularidades entre os diversos países. Quando um ou outro país latino-americano é destacado no corpo da revista é porque nele está contida a idéia de exemplo a ser seguido pelos outros países da América Latina. A atitude de determinado país deve ser seguida pelo continente quando se alinha aos Estados Unidos e, da mesma forma, rechaçada quando se opõe à política norte-americana.

Ganham destaque, também, os países que possuem as matérias-primas das quais os Estados Unidos necessitam no momento; e os de localização estratégica, como é o caso do México, que faz fronteira com os Estados Unidos, ou ainda o Brasil, em função do seu tamanho e das suas fronteiras com a maioria dos países latino-americanos.

Acompanhando os artigos de *Seleções* no decorrer das décadas de 1940, 1950 e 1960, nota-se o especial interesse da revista pela natureza latino-americana, particularmente a floresta amazônica. A revista enfoca a floresta tropical nas suas diversas formas: vegetação, animais, insetos e doenças endêmicas por eles provocadas. A floresta tropical é apresentada pela revista como um mundo misterioso, desconhecido e fantástico, forma esta nem sempre isenta nas suas afirmações pretensamente científicas.

Alguns insetos do Amazonas são verdadeiramente terríveis – aranhas com o corpo do tamanho do punho de um homem e pernas peludas de 15 cm de comprimento. Vespas com 13 cm de envergadura (...) Um indivíduo particularmente repulsivo conhecido pelo nome de Jequitiranabóia, tem o corpo do tamanho de uma chávena de chá e um longo chifre recuso que lembra muito o do rinoceronte. Já desagrada só vê-lo, e o bicho ainda por cima voa (...) Mas o que a gente do rio mais teme particularmente é uma espécie de cascudo gigante, de dois metros e meio de comprimento e pesando perto de 100 quilos. Frequentemente, os nadadores são arrastados para o fundo por esses monstros e nunca mais são vistos. (out/63)

Por diversas vezes, *Seleções* representa a América Latina de forma semelhante à floresta: caótica, imatura, desordenada e sem controle. Em contraponto, os Estados Unidos são representados como um mundo harmonioso, visível e ordenado. Percebe-se, então, que a separação entre Estados Unidos e América Latina está presente na representação que os norte-americanos constroem da natureza.

Da mesma maneira é estabelecida uma oposição radical quando se fala do homem norte-americano, visto como ativo e empreendedor, e o latino-americano mostrado como passivo, atrasado, incapaz de dominar a natureza imensa que está ao seu redor. A natureza é maior que o homem latino-americano. Vejamos o que diz *Seleções* sobre a ação de um norte-americano em uma aldeia colombiana, Letícia, localizada perto da fronteira brasileira, portanto, praticamente no interior da floresta:

Antes da chegada de Mike, a remota localidade, situada 3.200 quilômetros rio acima no Amazonas era como qualquer das outras aldeias do rio, que se apegam como cogumelo no alto do barranco (...) Mike transformou tudo isso. Todos os habitantes do rio conhecem a figura nervosa e ágil de nariz grande e sorriso torto (...) Mike tem ajudado muitos deles com dinheiro, empregos, auxílio médico, roupas e até brinquedos para crianças (...) Mike é um moto-contínuo do progresso. (jul/66)

Aqui a população da aldeia é comparada ao cogumelo, enquanto o norte-americano Mike é quem traz a civilização para os lugares úmidos. Mas, esse mesmo Mike é, nada mais nada menos, que um

negociante de animais. Ele se encontra na aldeia de Leticia porque ali ele caça e pode exportar animais para diversos zoológicos do mundo.

É preciso ressaltar que o sentido de ‘selvagem’ – as terras remotas e a população indígena que as habitava – o *wilderness* norte-americano, é um componente que se encontra interiorizado na cultura norte-americana desde a chegada dos peregrinos e a posterior conquista do oeste. É o *wilderness* que confere identidade e significado à civilização. Subjugava-se o selvagem em nome da raça branca e da nação. Portanto, a formação da nação relaciona-se com a possibilidade do progresso material e a conseqüente transformação e utilização da natureza. Dessa maneira, construir a nação era civilizar o espaço onde ela seria implantada. O *wilderness* era o obstáculo ao progresso material da nação norte-americana.⁷

A floresta sul-americana é vista ainda no século XX como uma região selvagem, oposta à civilização da América do Norte. Pode-se considerar, então, que tanto a floresta como o continente latino-americano são uma espécie de invenção, uma construção norte-americana. A América Latina é apresentada como possível de ser dominada em nome do progresso e da civilização e a autoridade para tal empreitada estaria nas mãos dos norte-americanos.

Edward Said, em análise recente, nomeia esse procedimento de “atitude imperial”, ou seja, uma “estrutura de atitudes e referências” presente nos discursos e na imaginação cultural. A cultura não é apenas algo refinado e superior, mas uma espécie de palco onde atravessam o político e o ideológico. Dessa forma torna-se fonte de identidade e reconhecimento. A cultura, para Said, “designa todas aquelas práticas, como as artes de descrição, comunicação e representação, que têm relativa autonomia perante os campos econômico, social e político, e que amiúde existem sob formas estéticas, sendo o prazer um de seus principais objetivos”.⁸ Ainda que Said analise romances e *Seleções* seja um veículo de massa, é possível caracterizá-lo também como produto cultural que reflete o sistema de valores presente na imaginação norte-americana de forma duradoura. Considerando-se a circulação e penetração das versões internacionais do *Digest*, nota-se a amplitude da ‘atitude imperial’ norte-americana, reforçada pela necessidade de ganhar ‘corações e mentes’ através da penetração cultural.

A natureza do continente latino-americano, vista como inferior, está presente também de forma duradoura nos escritos de viagem e

tratados científicos europeus. A floresta débil e imatura é uma construção que se remete ao século XVIII, quando a notícia de terras remotas, trazida por viajantes e naturalistas, chega à Europa. Antonello Gerbi procura analisar alguns destes autores. A partir desta época os homens de ciência procuraram entender e explicar cientificamente o meio ambiente latino-americano. Segundo Gerbi, é a partir das considerações de Buffon, naturalista francês de meados do século XVIII, que as teses sobre a debilidade do continente latino-americano iniciam-se de forma científica e ininterrupta.⁹ Buffon permaneceu como importante referência científica durante todo o século XIX e é citado por *Seleções* ainda nos anos 40 deste século.¹⁰ O discurso dos homens de ciência do século XVIII estava comprometido com as disputas coloniais do período. Da mesma forma, o discurso de *Seleções* está comprometido com os interesses e pretensões dos Estados Unidos na América Latina.

Seleções não é então a primeira a atribuir à América Latina características inferiores. A revista é informada por concepções já estabelecidas e anteriores à sua existência. No entanto, ela reelabora estes pensamentos e idéias e inclui componentes e acontecimentos da sua época que só farão confirmar a debilidade do continente. Neste caso, vale a pena observar a estreita relação entre a imagem da floresta e o tema das ideologias políticas, uma vez que a floresta tropical está presente na preocupação que os Estados Unidos têm em evitar que o comunismo se alastre pelo continente, porque é na floresta densa que se escondem os 'guerrilheiros comunistas'. Vejamos o que diz *Seleções* sobre a perseguição e morte de Che Guevara na floresta da Bolívia:

Quando o forasteiro chegou a La Paz, a gelada capital da Bolívia a 3.650 metros de altitude, as autoridades mal lhe deram atenção. Era portador de um passaporte uruguaio e parecia um homem de negócios de meia-idade. Pequeno, calvo, usava pesados óculos de aros de tartaruga e fumava cachimbo. Hospedou-se no Hotel Copacabana por alguns dias apenas. Depois embarcou num jipe e desapareceu nas florestas selvagens e esparsamente povoadas da encosta oriental dos Andes. (mai/68)

A denúncia da floresta como o lugar onde se esconde o guerrilheiro está presente depois da Revolução Cubana de 1959. Exatamente nesse período, cresce o temor norte-americano de que a penetração

comunista tome todo o continente. Durante a guerra fria, o *Reader's Digest* manteve um íntimo relacionamento com a CIA (*Central Information Agency*), o serviço secreto norte-americano, na cruzada implacável contra o mundo comunista. E as edições internacionais do *Digest*, como consequência, passaram a servir como fonte primária da propaganda anticomunista, em particular as edições dirigidas à América Latina. A preocupação com a possibilidade de o comunismo penetrar no continente chegou ao ponto de a CIA infiltrar agentes nos escritórios da revista, com total aprovação do proprietário do *Reader's Digest*. É o caso, por exemplo, de Eduardo Cárdenas, homem da CIA e editor de *Selecciones*, a versão dirigida aos países da América Latina de língua espanhola.¹¹

Se antes a floresta atemorizava, depois da Revolução Cubana e da morte de Che Guevara nas florestas da Bolívia, perante os olhos norte-americanos, ela se transforma num espaço ainda mais perigoso. O lugar selvagem agora esconde e acoberta o perigo que vem do outro lado do mundo: o comunismo. O inimigo que parecia distante, agora se alastrava e estava às portas dos Estados Unidos.

Da mesma forma que o mosquito se escondia na floresta tropical e era o vetor de doenças endêmicas, o guerrilheiro era o vetor do comunismo. Nesse sentido, pode-se pensar que o comunismo era visto pelos norte-americanos como possível doença do corpo social. O comunismo era o inimigo externo que juntava-se ao inimigo interno: pobreza e doenças endêmicas. Ambos precisavam ser exterminados de forma rápida e eficaz. Nota-se que cabiam aos Estados Unidos não só dominar a região como protegê-la do seu próprio primitivismo e atraso, coisas inerentes ao continente. Preservar a América Latina dos seus inimigos externos e internos era entendido como um dever dos norte-americanos.

Nesse complexo cruzamento entre idéias, justificativas e interesses, pode-se dizer que a floresta confirmava o guerrilheiro como um risco. E esse mesmo guerrilheiro confirmava a floresta como ambiente perigoso. Ou, ainda, era um imaginário confirmando a atualidade (os anos 60). E a atualidade reforçando a imaginação.

É possível estabelecer no período da guerra fria uma relação em *Seleções* entre a vegetação cerrada de Sierra Maestra (base da revolução cubana vitoriosa), a floresta da Bolívia onde morreu Che

Guevara e a floresta tropical do Vietnã onde se esconde o guerrilheiro vietcong. Tanto o comunismo como a doença endêmica são o resultado do atraso do continente latino-americano em todos os níveis. Segundo *Seleções*, o comunismo só tem chance de se estabelecer em países pobres. Quanto maior a pobreza, maior a chance de o comunismo se alastrar.

Na revista *Seleções*, imaginação, interesses e conquista estão intimamente relacionados. Os norte-americanos possuem a chave da civilização e assumem a tarefa de aniquilar o que é selvagem, primitivo e atrasado. Em contrapartida, apresentam-se como nação exclusiva – único modelo de sociedade possível, – por consequência excludente. Posicionam-se como povo eleito pela Providência e por isso desculpam-se dos atos de intervenção e exclusão.

A comparação que *Seleções* apresenta entre os Estados Unidos e o continente latino-americano fez com que os norte-americanos legitimassem a ação e intervenção dos Estados Unidos no continente. O discurso de *Seleções* conferia aos Estados Unidos competência técnica e idoneidade moral para controlar a América Latina.

O discurso imputava autoridade aos norte-americanos para propor como ‘remédio’ para a debilidade do continente um comportamento único, baseado na sociedade exemplar existente apenas nos Estados Unidos – espaço geográfico e social apresentado como limpo, saudável, harmonioso e ordenado. Ordem construída graças às mãos e ao engenho norte-americano. Não possuía, portanto, as contradições presentes nos espaços ‘selvagens’ da América Latina. A produção de uma América Latina débil, de um lado, justificou e legitimou a ação dos Estados Unidos no continente, e de outro, distinguiu e fortaleceu a identidade norte-americana.

É ainda Edward Said quem compara a visão do imperialismo inglês do século XIX à atuação dos norte-americanos neste século. Said comenta os romances de Conrad, autor que produziu romances no século XIX que continham uma visão do mundo imperial e paternalista. Said afirma que Conrad parecia dizer aos povos colonizados pelos ingleses:

Nós ocidentais, decidiremos quem é um bom ou um mau nativo, porque todos os nativos possuem existências suficientes em virtude

de nosso reconhecimento. Nós os criamos, nós os ensinamos a falar e a pensar, e quando se revoltam eles simplesmente confirmam nossas idéias a respeito deles, como crianças tolas, enganadas por alguns de seus senhores ocidentais. É isso, com efeito, o que os americanos sentem em relação a seus vizinhos do sul: que a independência é desejável para eles, desde que seja o tipo de independência que nós aprovamos. Qualquer outra coisa é inaceitável e, pior, impensável.¹³

Abstract

It is possible to check out the vision of United States made of Latin America at *Seleções do Reader's Digest* magazine from 1942 to 1970. The objective is to follow the approach that United States developed about Latin American nature, mainly the Rain Forest, seen as chaotic and weak. The *Seleções* option is to focus Latin American as an inferior continent. Thus, the magazine defined North-American identity and legitimized the intervention of the United States in Latin America.

Notas

- 1 Informações sobre o *Reader's Digest* estão em HENDERY, John. *Theirs was the kingdom. Lila and De Witt Wallace and the story of the Reader's Digest*. New York, London: W.W. Norton & Company, s.d.
- 2 HEINDERY, John, Op cit., p 473.
- 3 Cf. PRADO, Maria Ligia Coelho. Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e estados unidos durante a guerra. *Revista USP*, n. 26, p. 52-61, jun-ago, 1995.
- 4 Para duas perspectivas diferentes sobre a política internacional de Getúlio Vargas, ver: GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Vargas. Influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977; SILVA, Hélio. *1942. Guerra no continente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- 5 Cf. ELIOT, Marc. *Walt Disney, o príncipe sombrio de Hollywood*. São Paulo: Marco Zero, 1995, p. 191.
- 6 Ver MOURA, Gerson. *Tio sam chega ao Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- 7 Ver NASH, Roderick. *Wilderness and the american mind*. New Haven: Yale University, 1982, Cap. 2, p. 23-43.

- 8 Cf. SAID, Edward W.. Introdução. In: _____. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 12.
- 9 Ver GERBI, Antonello. *La disputa del nuevo mundo. História de una polémica 1750-1900*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, Cap. 1, p. 7-46.
- 10 A revista cita Buffon em artigo que trata da possível longevidade maior dos seres humanos. Amanhã poderemos ser mais jovens, *Seleções do Reader's Digest*, mai. 1946, p. 1.
- 11 John Heindery. Op. cit, p. 473.
- 12 Ver: MARIENTRAS, Elise. La Finalité de La Nation: Mission Universelle et Création Unique. In: _____. *Les mythes fondateurs de la nation americaine*. Bruxelles. s.l.: Complexe, 1992.
- 13 Cf. Edward W. Said. Op. cit, p. 19.

Referências Bibliográficas

- ELIOT, Marc. *Walt Disney, o príncipe sombrio de Hollywood*. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Vargas. Influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.
- GERBI, Antonello. *La disputa del nuevo mundo. História de una polémica 1750-1900*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- HENDERY, John. *Theirs was the kingdom. Lila and De Witt wallace and the story of the Reader's Digest*. New York, London: W.W. Norton & Company, s.d.
- MARIENTRAS, Elise. La Finalité de La Nation: Mission Universelle et Création Unique. *Les mythes fondateurs de la nation americaine*. Bruxelles. s.l.: Complexe, 1992.
- MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- NASH, Roderick. *Wilderness and the american mind*. New Haven: Yale University, 1982.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a guerra. *Revista USP*, n. 26, p. 52-61, jun./ago. 1995.
- SAID, Edward W.. Introdução. In: _____. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- SILVA, Hélio. *1942. Guerra no continente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.